

CAUTELA NAS APLICAÇÕES

Rio — O risco das aplicações no mercado financeiro nunca foi tão grande desde a chegada do real. A adoção do câmbio livre e a desvalorização de mais de 15% na moeda obrigam o investidor a escolher com mais clareza qual o tamanho do risco que está disposto a correr. As aplicações mais agressivas, sujeitas a oscilações fortes, são recomendadas de agora em diante só para os que têm muita folga de patrimônio e coragem para suportar perdas profundas. Os pequenos investidores e os menos afeitos a sustos devem jogar na defensiva.

“O pequeno e médio investidor, que não vive no mercado financeiro, não deve entrar em aplicações de risco. Isso vale principalmente em momentos como esse, em que tudo

pode acontecer”, resume Emanuel Pereira da Silva, gestor de fundos da Investidor Profissional Gap.

A melhor defesa, em um cenário de política cambial instável e de taxas de juros com futuro incerto, é optar por aplicações pós-fixadas, que protegem os investidores das oscilações. Contra mudanças nos juros, a melhor proteção está nos FIFs DI (Fundo de Investimento Financeiro — Depósito Interbancário), que apostam nos contratos futuros de juros; e, para enfrentar sem medo novas desvalorizações no real, a opção está nos fundos cambiais. Dividir o dinheiro em FIFs de juros e dólar dá mais segurança.

O ideal, para quem dispõe de recursos suficientes, é dividir o dinheiro entre dois fundos, um de cada tipo. Dificilmente o investidor

sai perdendo com essa combinação, no atual cenário. Se um dos fundos der resultado ruim, o outro, provavelmente, compensará a decepção. O melhor momento para se ter entrado nessa aplicações era antes das desvalorizações da semana passada, mas ainda há espaço para ganhos.

REMUNERAÇÃO

Com o câmbio livre adotado sexta-feira, a hipótese de o dólar voltar a subir ficou palpável. Os fundos cambiais acompanham esse movimento e, em caso de a cotação do câmbio oscilar pouco ou nada, dão ainda uma pequena remuneração em juros. A única hipótese em que o investidor perde é se o real se valorizar, cenário hoje pouco provável.

A rentabilidade de um FIF cam-

bial quando não há mudança na cotação do dólar é muito menor do que nos fundos de renda fixa. A diferença para menos, nesse caso, é o que o investidor paga pela proteção contra o risco, como o prêmio pago em um seguro.

Para quem não está em busca de segurança, as bolsas de valores são hoje uma opção digna de ser estudada. As ações estão muito baratas, mesmo após a alta de 33% de sexta-feira, se for levada em conta a capacidade das empresas de gerar lucros. O investidor deve estar consciente, entretanto, de que isso não basta para que os preços subam tão cedo. O que pode fazer a bolsa subir é uma melhora nos fundamentos da economia nacional que atraia capital para o mercado, e isso não tem prazo para acontecer.